

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que morra, viverá.”
Jo 11,25



Padre Victório Perini

☆ Pomeranos, SC - 02/07/1931

✝ Piracicaba, SP - 12/09/2008



SALESIANOS

INSPETORIA SALESIANA DE SÃO PAULO

COLÉGIO SALESIANO DOM BOSCO - PIRACICABA

Padre Victório Perini

*“Só em Deus a minha alma repousa,
porque Dele vem a minha salvação.”
Salmo 62*

O Pai escolheu o ano de 2008, cujo tema da Campanha da Fraternidade versava com o lema “Escolhe, pois, a vida” (DT 30,19), para acolher, na sua morada de vida eterna, a preciosa primícia constituída pelo querido irmão desta comunidade salesiana do Dom Bosco de Piracicaba: padre Victório Perini.

O documento de Aparecida, citando o deuterônomo, destaca: “Hoje se propõe escolher entre caminhos que conduzem à vida ou caminhos que conduzem à morte” (Dt 30,15); o padre Victório, durante a sua trajetória de conquistas, desafios e superações, propôs os caminhos que conduzem à vida com a necessária passagem pela morte, prelúdio da verdadeira vida: “o verdadeiro nascimento está no fim”, segundo Ernest Bloch. Foi assim que o padre Victório Perini partiu para desfrutar da vida em plenitude no dia 12 de setembro de 2008, com 77 anos de idade, 56 de vida salesiana e 47 de sacerdócio.

A ORIGEM

*“É preciso viver, não apenas existir.”
Plutarco.*

Nas suas Memórias enviadas ao padre Inspetor em maio de 2007, destacando que seu conteúdo poderia ser útil ao menos para a carta mortuária, o padre Victório demonstra em diversas ocasiões ter curtido a vida mesmo diante de inúmeros desafios, fazendo jus ao nome que recebeu no batismo: Victório. Nasceu em Pomeranos (Rio dos Cedros), Santa Catarina, no dia 2 de julho de 1931, sendo seus pais José Perini Filho e Maria Dallabona Perini. Foi o sexto entre doze irmãos e irmãs, sendo que dois faleceram ainda crianças. Com apenas três dias, Victório, o belo menino de olhos azuis, recebia o batismo. Três irmãs suas viriam a ser também religiosas. Viveu a sua infância de forma despretensiosa numa família pobre, mas muito digna e religiosa. Nunca lhe passara pela cabeça a possibilidade de ser religioso ou padre até o dia em que, ao voltar da escola na companhia dos colegas Mário Bonatti e Olindo Carlini, em meio a folguedos, depararam-se com um rapaz que, de imediato, perguntou-lhes se queriam ser padres. Pegos de surpresa, deram as suas anuências.

Apesar de seu pai José se manifestar contrário à sua ida para o seminário por ter que ficar longe da família, acabou consentindo. E lá se foram os três amigos, com poucas mudas de roupas arrumadas em sacos de trigo alvejados, conduzidos pelos pais numa carroça atrelada a dois fogosos alazões a caminho do aspirantado de Ascurra. Era o dia 28 de fevereiro de 1944. Foram recebidos com cordialidade pelo, então, clérigo Alfredo Bona. Uma tentativa de fuga, devido à intensa saudade, foi logo revertida de madrugada pela inesperada intervenção do enérgico diretor padre Questor Avelino de Barros. Ali, juntou-se a ele o primo Faustino Dallabona.

A TRAJETÓRIA SALESIANA

Segundo o pensamento do escritor Guilherme Bosman, “a vida torna-se uma festa quando sabemos desfrutar as coisas normais do dia-a-dia”. Assim foi a vida do jovem Victório na sua singeleza; sabia valorizar e transformar, no seu imaginário, os acontecimentos mais simples em realidades extraordinárias a ponto de guardá-los na lembrança e retratá-los com meticulosidade de detalhes.

Em 1945, fazendo parte de um grupo de trinta catarinenses, o jovem Victório foi encaminhado a São Paulo de caminhão até Bananal, hoje Jaraguá do Sul, numa viagem repleta de peripécias e privações. Por sorte do destino acabaram perdendo o trem que sofreria um grave acidente, tendo que esperar três dias por outro. De São Paulo foram a Lorena para a realização do exame de admissão para o ingresso no Ginásio São Manoel, aspirantado salesiano em Lavrinhas. Nessa cidade, sob o directorado do padre Hugo Neves, frequentou o antigo ginásio, sendo seus assistentes os tirocinantes Henrique Ribeiro de Brito e José Teles. Ali, sob a orientação do irmão salesiano Roberto Gaio, responsável pela cozinha, recebeu muitas noções na preparação de comidas e quitutes para os alunos. Devido à fragilidade nos estudos, teve que permanecer, em 1950, na cidade de Lorena para receber reforço escolar antes de ir para o noviciado. Sob os cuidados do sábio diretor padre José Stringari, do austero ecônomo padre José Pazzini e do enérgico conselheiro padre Antonio Sarto, viveu uma fase de fortes experiências e amadurecimento.

Em 19 de janeiro de 1951, já com seus 19 anos de idade e belo porte físico a ponto de sofrer assédios de conquistadoras mocinhas, manteve-se firme na vocação e foi para o noviciado, em Pindamonhangaba, onde foi encarregado da enfermaria. No dia 31 de janeiro de 1952, diante do inspetor padre João Resende Costa, futuro bispo de Ilhéus e arcebispo de Belo Horizonte, proferiu a sua primeira profissão religiosa, comprometendo-se a observar as constituições salesianas e viver fiel aos votos de pobreza, castidade e obediência.

Nesse mesmo ano, foi para a recém-inaugurada Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras, em Lorena, cursar filosofia e letras clássicas. Ali, além dos estudos, ficou encarregado da despensa e cozinha, mas com a sobrecarga de trabalhos, encontrou dificuldades para acompanhar todas as matérias, principalmente matemática, cujo professor era o exímio autor do livro da área, padre Fernando Fonseca, que conseguia executar perfeitos círculos na lousa sem recorrer ao compasso.

Aí, teve como diretor o sábio e estimado padre Carlos Leôncio da Silva, considerado protótipo de Dom Bosco pelo intenso discernimento, além do padre Antonio Lages, catedrático de letras que viria a ultrapassar o centenário em idade.

Permaneceu em Lorena até o início de 1955. Foi nessa época que, depois de 10 anos afastado da família, conseguiu autorização do inspetor padre Antonio Barbosa para visitar os familiares. Com a sua chegada, seu pai, abraçando-o, disse: "Agora, Senhor, posso morrer em paz, pois vi meu filho." Nessa oportunidade, não reconheceu sua irmã mais nova que, quando saíra de casa, tinha apenas quatro anos e agora já estava com quatorze.

De 1955 a 1957, cumpriu o tirocínio no Liceu Coração de Jesus, São Paulo, junto ao internato e, posteriormente, junto ao externato. Ali, chegou a lecionar para o aluno Tetuo Koga, que se tornaria sacerdote salesiano.

Realizou, de 1958 a 1961, numa turma de quarenta e dois colegas de um total de cento e trinta estudantes, os estudos de teologia no Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo, sendo seu admirado diretor o padre Leonardo Jacuzzi. Estando próxima a sua ordenação recebeu a notícia de que a sua mãe se encontrava gravemente enferma, e queria vê-lo. Viajou com urgência para visitá-la e quinze dias depois, quando já retornara, recebeu a triste notícia do seu falecimento; ela não chegou, portanto, a vê-lo sacerdote. Na lembrança de ordenação, prestou-lhe homenagem com a seguinte frase: "Mãe, contempla do céu as maravilhas que Deus fez do teu filho aqui na terra!"

No dia 8 de dezembro de 1961, no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, no Bom Retiro, juntamente com mais trinta e um colegas, foi ordenado sacerdote pelo bispo Dom Zioni. No dia 24 de dezembro, véspera de Natal, foi recebido com banda, repicar de sinos e espocar de fogos pelo povo, amigos e parentes para celebrar a primeira missa na sua terra. Na tarde daquele mesmo dia, seu pai lhe confidenciou: "Victório, agora você é padre e vai poder confessar muita gente. Não humilhe ninguém, pois o penitente já está humilhado ao ajoelhar-se à sua frente."

De 1962 a 1969 desenvolveu diversas funções em Lorena, no Colégio São Joaquim e na Escola Agrícola, tendo como diretor o padre Ugo Guarnieri. Daí transferiu-se para o Liceu Coração de Jesus, onde perma-

neceu de 1969 a 1972, sendo seus diretores o padre Antonio Romano, futuro inspetor, e o padre Vitório Pavanello que se tornaria arcebispo de Campo Grande. Os três eram considerados "trio parada dura". O padre Romano, no começo do inspetorado, fez questão de visitar os familiares dos salesianos catarinenses e o padre Victório o acompanhou.

Foi destinado para trabalhar como encarregado do Oratório São Mário, em Piracicaba, de 1973 a 1976, onde não mediu esforços para melhorar a estrutura física e o atendimento pastoral e social bastante fragilizados, tendo como dinâmico e exigente diretor o padre Vicente Moretti Guedes.

Voltou para o Liceu Coração de Jesus, em 1977, como conselheiro dos estudos. Certo dia, chamou à ordem um aluno indisciplinado que retrucou com arrogância: "Qual é o seu lance?" ao que respondeu prontamente: "meu lance é o Corinthians e o seu?" Depois disso, o aluno "entrou na linha" e tornou-se seu amigo. De fato, o padre Victório era torcedor fanático do timão a ponto de não perder, de forma alguma, a transmissão dos seus jogos. Permaneceu no Liceu até 1981, quando foi convidado para fazer um curso de espiritualidade em Roma, com duração de três meses. Ao retornar, foi transferido para o Externato Santa Teresinha, como conselheiro e encarregado do oratório.

Em 1982, foi nomeado diretor do Instituto Dom Bosco, Bom Retiro, onde abriu a escola também para as meninas, permanecendo ali até 1984.

De 1985 a 1986, desenvolveu o economato no Colégio Salesiano São José, em Sorocaba, dando rápidas soluções a alguns problemas de ordem administrativa.

Em 1986, juntamente com os padres Antonio Ledo e Orestes Bandani, comemorou o Jubileu de Prata sacerdotal. No final desse ano, o inspetor, padre Irineu Danelon, futuro bispo de Lins, designou-o para ser ecônomo da Escola Salesiana São José, em Campinas, novamente sob o directorado do padre Vicente de Paulo Guedes.

O ano de 1987 foi marcado por diversos problemas de saúde, chegando a perder 27 quilos e tendo que recorrer a diversos médicos. Através do exame de sangue, a neurologista Elisabeth Quagliatto diagnosticou neuropatia do diabetes e, com a medicação indicada, voltou a se recuperar. Em 1988, o diretor, padre Guedes, teve que se ausentar

por ter sido acometido por um estresse e, emergencialmente, a escola foi acompanhada pelo padre Furtado e Victório até a chegada, em 1989, do novo diretor, padre Milton Braga de Rezende, considerado por ele seu grande amigo.

A partir de 1991, desempenhou suas atividades como coordenador geral dos estudos e ecônomo nas unidades do Dom Bosco Cidade Alta e Dom Bosco Assunção, em Piracicaba, passando por vários diretores, como padre Manuel Licínio Gonçalves, padre Milton Braga, padre Orivaldo Voltolini e padre Aramis Biaggi. Nessa época, o Assunção passou por profundas reformas e o Cidade Alta comemorou, entre 2000 e 2001, o seu Jubileu de Ouro de fundação. Chegou ao auge em número de alunos: 3.700 entre os dois colégios.

Aí mesmo, em 2002, seu estado de saúde tornou-se cada vez mais precário; passou a atender na Paróquia Bom Jesus do Monte, como vigário paroquial e confessor, além de ser encarregado do Oratório São Domingos Sávio.

ÚLTIMAS LEMBRANÇAS

“Quando se é feliz, não é difícil morrer.”

Peça teatral

A partir de 2005, a saúde do padre Victório foi se deteriorando a olhos vistos como uma verdadeira “via crucis” de idas e vindas a médicos, hospitais e unidades de terapias intensivas. “Passei o ano me arrastando”, dizia.

Devido ao avanço do diabetes, teve complicações cardíacas e começou a submeter-se sistematicamente a tratamento por hemodiálise, três vezes por semana, trocado posteriormente por diálise; sofreu também cirurgia de um cisto no pâncreas. Em seguida, seu pé foi tomado por erisipela. A possibilidade de transplante de rim foi descartada.

Nessa fase da doença, procurava controlar a impaciência e se manter, o quanto possível, em clima de resignação diante dos incômodos e das dores. Manifestava-se constantemente agradecido a todos os que o acompanhavam sistematicamente ou em situações de emergências: padre Aramis, padre Furtado, Angélica, a sobrinha Cláudia com o marido Claudinei, a irmã Violeta. Recebia também ligações telefônicas dos solitários sobrinhos e sobrinhas, com os quais sempre manifestou profunda estima.

Após constante declínio de seu quadro clínico, no dia 11 de setembro de 2008, teve forte recaída e foi levado com emergência pelo padre Furtado, acompanhado pela enfermeira Maria, à Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, indo direto para a UTI. Às três horas da madrugada de 12 de setembro, ainda lúcido e agradecido à enfermeira Maria, desculpando-se por qualquer atitude que a pudesse ter magoado, descansou serenamente na paz do Senhor. O atestado de óbito, firmado pelo Dr. Alex Gonçalves, aduziu como causa da morte: insuficiência renal crônica, insuficiência cardíaca congestiva, diabetes mellitus e adenocarcinoma gástrico.

Seu corpo foi velado na igreja da Paróquia Bom Jesus do Monte, onde foi realizada concorrida concelebração da missa de exéquias presidida pelo padre Marco Biaggi e com a participação de inúmeros salesianos, paroquianos e amigos. Após a celebração, seu corpo foi transportado em carro fúnebre para Timbó, Santa Catarina, onde, no dia 13

de setembro, após ser velado pelos familiares, salesianos e amigos, em comovente celebração e cortejo fúnebre, foi sepultado no Cemitério Jardim da Paz.

Hoje, padre Victório colhe na eternidade, junto ao Pai, os méritos dos frutos de generosidade plantados na terra, e as festas, que aqui adorava organizar, são agora garbosamente comemoradas lá. Segundo Amado Juan de Nervo, "Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós."

P. José Ailton Trindade
DIRETOR

DEPOIMENTOS

Padre Aramis Francisco Biaggi:

“Conviver com padre Victório foi muito bom. Tínhamos muitas coisas em comum, uma delas era torcermos juntos para o Corinthians. Ele vibrava muito com os jogos e juntos nos alegrávamos e entristecíamos com os resultados. Na pastoral, era muito cioso, preocupado e sempre com o mesmo carinho ele rezava de modo especial para os oratorianos. Mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida, ele não esmoreceu, queria se sentir presente e forte. Apesar de pedir para ficar sentado, acompanhava as orações e, no final das celebrações, sempre tinha um recadinho para os oratorianos. Era exímio professor de português e se preocupava em falar sempre o português correto. Foi muito bom ter convivido com ele os meus cinco anos de diretor em Piracicaba. Aprendi muito, de modo especial no seu calvário, percebendo como ele queria viver e tudo que fez para manifestar esperança e otimismo às pessoas que dele se aproximavam.

Valdir Perini, sobrinho:

“Sou filho de colonos com muito orgulho. Meu pai trabalhava na roça, minha mãe cuidava de toda área doméstica da casa; era um tempo muito gostoso.

Quando o tio padre Victório nos escrevia carta anunciando sua visita, era a maior festa. Ele vinha com batinas e malas e o aguardávamos com muita alegria, ele era o centro de nossas atenções. O tempo foi passando, fomos crescendo, porém o tio continuava sendo uma pessoa querida que sempre nos trazia muito conforto e alegria. O padre Victório gostava de ver as pessoas sempre unidas, não só os familiares, mas também vizinhos e amigos. Hoje ele se foi, mas continua em nossos corações e jamais será esquecido.”

Jandira Perini, sobrinha:

“Como certamente muitos já disseram, ele foi mais que um tio, foi como um anjo em nossas vidas. Sabemos que nossa vida é composta por fases onde, em cada uma delas, temos a oportunidade de crescer, de nos tornarmos um referencial aos que nos rodeiam, e o que tenho a dizer a respeito do padre Victório é que, mais do que ser uma referência, ele nos deixou um ótimo legado. Hoje o que nos resta são a saudade e as boas lembranças deixadas por ele.”

Valdir Perini Jr, sobrinho-neto:

“Toda vez em que o tio padre Victório vinha para Timbó a alegria era geral, pois ele trazia a união. Apesar de tantas lembranças que tenho dele, levo comigo a de que sempre, quando vinha nos visitar, trazia lembrancinhas do Corinthians, time pelo qual ele torcia, que guardo até hoje com muito carinho. Para mim ele não foi apenas um tio, foi como um segundo pai, um conselheiro. A dor que sinto em tê-lo perdido é inexplicável, pois se soubéssemos o tamanho da dor de perder um ente querido, com certeza estaríamos mais preparados para essas situações.

Ele foi um exemplo de vida; se eu for um terço do que ele foi, com certeza meu lugar lá está garantido. Meu amor por ele é eterno, ele sempre estará aqui dentro de mim.”

Dayane Perini, sobrinha-neta:

“Para ser sincera, tenho-o como alguém muito especial, alguém que teve um papel muito importante em minha vida, um referencial, um grande exemplo de pessoa. Gostaria que as pessoas tivessem dez por cento da solidariedade e compaixão ao próximo, como tinha o tio padre Victório. Estou certa de que as pessoas seriam muito melhores. Hoje, ele já não se faz mais presente entre nós, porém deixou-nos um grande exemplo a ser seguido, apesar da imensa saudade.”

Kátia Suelen Perini, sobrinha:

“Hoje estarei aqui escrevendo mais uma das tantas cartas do tio, mas agora com uma diferença: é para dizer o quanto ele foi importante em nossas vidas...”

Pessoa que para mim não existia melhor; sempre de bom humor, sorridente, confiante, fazendo todos da família sorrirem, sem deixar que ninguém ficasse de fora de todas as comemorações que fizemos em toda essa caminhada juntos. Pessoa que, mesmo com os problemas de saúde, estava presente com seus familiares em Timbó, sempre que possível, fazendo festa, comendo e bebendo... Oh, muita carne heim, tio, e cerveja também! Que felicidade quando estava chegando o dia que o tio vinha a Timbó! Era uma semana de muitas alegrias e, quando chegava a hora de partir, deixava-nos com um aperto no coração, mas com a certeza de que, na metade do ano, como era de costume, o tio voltaria a nos visitar.

Pessoa que deixou muitas heranças para todos com o seu ensinamento, todas as risadas, os choros, os casamentos, os batizados e, enfim, como pessoa maravilhosa que sempre foi. Onde quer que esteja, fará nossos dias mais felizes com lembranças dos bons momentos juntos.”

Adolino Perini, sobrinho:

“Quando o padre Victório anunciava que vinha de férias, eu ficava feliz em poder vê-lo, pois era uma alegria em encontrar uma pessoa tão querida, fazíamos festinhas, almoços e jantares. Ele era feliz e nos trazia felicidade. Dava as ordens e nós cumpríamos, levando-o até Pomerode para fazer compras. Eu teria muito que falar dessa pessoa que deixa muitas saudades para todos, mas para mim o tio Padre Victório foi mais que um tio, foi um pai, um amigo.”

Elisabeth Perini, sobrinha:

“Hoje estou escrevendo para falar o quanto o tio padre Victório significava para mim, por tê-lo conhecido e ter feito parte da minha vida. Era momento de muita alegria quando ele reunia toda a família. Eu ficava muito ansiosa quando recebia o telefonema dele dizendo que viria a Timbó. Por isso, hoje e sempre o tio padre Victório será o amigo, conselheiro e educador. Assim me restam lembranças e muitas saudades...”

Douglas Joel Perini:

“Uma pessoa boa, sempre sorrindo e levando alegria por onde passava, com nossas risadas em família. Onde quer que esteja, olhará por nós e ficará feliz com a alegria da nossa família, porque era assim que ele gostava de ver todos, deixando muitas lembranças.”

Adele Perini, cunhada:

“O padre Victório para mim representava muito mais que um cunhado. Sua visita era esperada, porque ele trazia consigo união e alegria que contagiava a todos. Quando ele se fazia presente mostrava um grande zelo pela família, muitas vezes nos presenteando e, outras, dando-nos apoio moral, conselhos e opiniões que nos edificavam espiritualmente. Sentirei muitas saudades... Sinto orgulho de ter feito parte da sua vida e ele da minha.”

Neide Perini, sobrinha:

“Para mim ele era um pai e tio. O que eu sentia por ele era um amor filial semelhante ao que tinha pelo meu pai. Trabalho em um salão de beleza e todos os sábados ele me ligava e perguntava por todos da família para saber como estavam e matar as saudades. Lembro-me de que,

quando éramos crianças, eu e minhas primas, Tânia e Márcia, brigávamos pelo tio, pois todas nós queríamos sua atenção e carinho, morriamos de ciúmes. Esse amor sobreviveu ao tempo, aumentando a cada dia. Hoje, apesar da sua falta, o amor por ele continua e nunca acabará."

Cláudia Perini, sobrinha:

"Sua presença foi na vida de nossa família motivo de muita alegria, muita união, muitas festas que o senhor, com todo carinho, planejava e organizava. Crescemos muito por meio dos sacramentos a nós ministrados. Quantos batizados, crismas, comunhões e matrimônios realizou em nossa família! Quantos foram os corações confortados nos momentos de necessidades pessoais de cada um! O senhor nunca nos faltou, foi imprescindível em nossas vidas!

Falar do senhor é falar de alegria, de perdão, é falar de vida plena, vida de fé, de 47 anos de sacerdócio, de doação incondicional, de satisfação, de missão!

Um pensamento resume sua passagem por aqui: 'Um botão não floresce mais que uma vez... Assim cada momento de nossas vidas tem seu momento único de graça!' Vai com Deus, tio querido! Te amamos para sempre e nunca mais o esqueceremos! E como o senhor sempre dizia: 'Viva o Corinthians!'."

Angélica Najim Labaki Borges, funcionária:

"Padre Victório, para mim, foi um segundo pai. Convivemos desde 1991 nos mais diversos papéis: de chefe, de amigo e de segundo pai. Ele costumava vir me cumprimentar todos os dias, assim como fazia com todos os que aqui trabalhavam, e sempre dizendo: 'Minha benção', com um sinal da cruz na testa – isso significava muito para nós. Quando comecei a namorar meu marido, ele quis saber se era boa gente, o que fazia. Com isso, ganhou também meu marido como amigo, participou da cerimônia do casamento de maneira muito especial! Sempre estávamos juntos e nosso convívio com ele era sempre um aprendizado! Na sua doença, meu marido e eu procuramos estar sempre por perto, afinal ele sempre foi nosso querido. Foi um vitorioso, pois passou por todo o sofrimento da doença com seu costumeiro bom humor; fazíamos orações juntos e ele ficava sempre sereno. Agradeço a Deus pelo prazer de tê-lo como amigo! Pe. Victório será sempre lembrado com amor. Deus o tenha!"